

“Os manos *Jeca e Mané*”: o sertão e o sertanejo na escrita combativa de Ildefonso Albano no início do século XX

Bianca Nascimento de Freitas¹

RESUMO

O presente artigo trata do debate acerca da construção de um discurso sobre o sertanejo no Ceará no início do século XX. Toma como ponto de partida a produção de intelectuais como Ildefonso Albano que por meio de sua escrita engajada, ora como literato, ora ocupando cargos públicos, promoveu uma discussão em torno do homem do sertão e de suas necessidades. Ildefonso Albano pertencia a um grupo de intelectuais que ansiavam por inserir o Ceará na ordem moderna, tomando para si a missão de conduzir tal processo de modernização, o que fazia utilizando, principalmente, sua influência política. Albano assumiu o cargo de Deputado Federal ainda na década de 1910 tendo desenvolvido discurso posteriormente publicado com o título *O Secular Problema do Nordeste* em 1917, onde conclamava as autoridades a se empenharem no combate contra a seca, problema entendido pelo intelectual como barreira ao progresso nacional. Como escritor, em 1919 Ildefonso Albano lançava a obra *Jeca Tatu e Mané Chique-Chique* desenvolvendo a partir de uma crítica ao livro *Urupês* de Monteiro Lobato, um estudo sobre o sertão e o sertanejo cearense, sendo este último pensado como sujeito diferente do sertanejo retratado na obra lobatiana. Sua experiência enquanto representante político do Ceará e seu discurso a respeito das problemática das secas marcariam profundamente a escrita do intelectual quando da elaboração de *Mané Chique-Chique* que, mais do que o bom sertanejo dotado de força e coragem, agregaria todas as características idealizadas para a formação do bom cidadão republicano. Enquanto governador do Ceará no início da década de 1920, Ildefonso esteve envolvido com as principais ideias que circulavam a respeito do progresso cearense, o que incluía principalmente o campo educacional. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos as reflexões de Ângela de Castro Gomes e Jean François Sirinelli em torno dos conceito de trajetória e intelectual, considerando a figura deste enquanto produtor e disseminador de ideias e valores que nos permitem compreender de que modo a história intelectual está vinculada a uma história política, pois se pretende desenvolver uma abordagem política do letrado, sua capacidade de influência sobre a comunidade nacional e de que modo isso ocorre. O trabalho apresenta os procedimentos metodológicos para aquisição dos dados que têm por base fontes literárias como os escritos de Ildefonso Albano e de outros autores que fizeram menção a sua escrita, relatórios de presidentes do Ceará, periódicos e a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Ildefonso Albano, Progresso, Sertão cearense

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará e membro do Grupo de Estudo e Pesquisa História e Documento: Reflexões sobre Fontes Históricas – GEPHD, do diretório de grupos do CNPq. E-mail: nf.bianca@gmail.com.

ABSTRACT

“The brothers Jeca and Mané ”: hinterland and the countryman in combative writing Ildefonso Albano in the early 20th Century

This article deals with the debate about the construction of a discourse about countryman in Ceará in the early 20th century. the starting point is the discourse by intellectuals like Ildefonso Albano such through its dedicated writing, either as writer now occupying public office, held a discussion on the backcountry's man and its needs. Ildefonso Albano was one of the group of intellectuals who were eager to THROW the Ceará in the modern order, taking on the task of conducting such a process of modernization, which made using his political influence, mainly. Albano became a congressman still in the 1910s and on his speech, later published as *The Secular Northeast Problem* in 1917, which urged the authorities to engage in the fight against drought issue perceived by the intellectual as an obstacle for national progress. As a writer, in 1919 Ildefonso Albano launched the work “Jeca Tatu and Mané Chique-Chiique” developing from a critique “Urupês” book written by Monteiro Lobato, a study on the hinterland and the ceará's countryman, the latter being thought as an opposite to the hinterland pictured in lobatiana work. Albano's experience as a political representative of Ceará and his speech about the problems of drought deeply mark the writing of intellectual when preparing “Mane Chique-Chique” that more than good hinterland endowed with strength and courage, would add all idealized features to the formation of good republican citizen. as governor of Ceará in the early 1920s, Ildefonso has been involved with the main ideas circulating about the Ceará progress, which mainly included the educational issue. For the development of this research, we were used the reflections of Angela de Castro Gomes and Jean François Sirinelli around the concept of trajectory and intellectual, considering this figure as a producer and disseminator of ideas and values that allow us to understand how the intellectual history is linked to a political history, as it aims to develop a policy approach literate, their ability to influence the national community and how this occurs. The paper presents the methodological procedures for data acquisition that are based on literary sources as the writings of Ildefonso Albano and other authors who have made mention of his writing, Ceará presidents reports, periodicals and literature.

Keywords: Ildefonso Albano, Progress, Ceará hinterland

1- Ildefonso Albano a confluência do intelectual com o político

No início do século XX, intensificou-se o debate em torno de uma busca pelo que seria a verdadeira identidade brasileira. De todos os lados, artigos de jornais, revistas, e obras literárias tinham como tema recorrente o povo brasileiro e sua cultura. Numa época em que o objetivo central era a civilização e o progresso e se creditava ao meio físico um papel destacado na constituição psicológica dos sujeitos, com um discurso fortemente embasado por teorias raciais que defendiam, inclusive, a existência de povos superiores e inferiores, o mestiço foi estigmatizado como sub-raça, passando, em muitos discursos, a ser sinônimo do atraso. Nesse sentido, toda uma carga negativa

recaiu sobre o homem do sertão, o mais propenso a não acompanhar o processo de modernização em que se inseria o país.

Muito se pensou na constituição de uma “rosto” para o país que fosse capaz de traduzir toda a sua singularidade, até que se concluiu que o Brasil “por mais múltiplos e complexos que fossem seus elementos formadores, tinha uma face: a cara do país era mestiça, e era uma.” (GOMES, 1996.p.193). Na década de 1920 a busca pela formação da Nação brasileira faz crescer o interesse pelas particularidades regionais, como forma de superar a fragmentação identitária do povo. Na imprensa e na literatura crescem os relatos de viajantes que se propõem a desbravar os sertões brasileiros elevados a categoria de essência do país, numa tentativa de diminuir as distâncias no território nacional. Mais do que construir uma identidade homogênea, livre das diferenças, nesse momento busca-se conhecer o Brasil, para assim, tratá-lo em suas mazelas sociais.

Destarte, o sertanejo aparecia como sujeito singular e personagem central dessa discussão, descrito na literatura como dotado de uma força e resistência especiais e de uma honestidade não encontrada em nenhum indivíduo de outras regiões do país. A ênfase nas particularidades de cada região faz emergir um discurso regionalista que buscava através de elementos comuns criar uma identidade para as diferentes paragens do Brasil sem, contudo, destruir a ideia de unidade. Levada a cabo especialmente por intelectuais vinculados a instituições como museus etnológicos, institutos históricos e escolas de direito e medicina² essa missão de descobrir a nova identidade nacional, singular porque diferente, passa a ser buscada de modo mais localizado.

No Ceará, intelectuais instituem a imagem do sertanejo cearense como distinto de todo o restante do Brasil, “uma exceção no país, isto é, que tem características

² Fazem parte desse conjunto de instituições as que produziram e foram mediadoras desses discursos racialistas no início do século XX. Inserido no referido grupo estariam organizações como o Museu Nacional, instituição que ao lado do Museu Paulista proporcionou também a criação dos museus etnográficos. Na busca pela formação da nação brasileira, muito contribuiu também o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB que atuava no sentido de instituir um passado comum para a sociedade brasileira. Além das instituições citadas, podemos elencar ainda as Faculdades de Direito, especialmente as de Recife, São Paulo e Rio de Janeiro que uniam o discurso científico do direito à biologia determinista. Por fim outras importantes instituições eram as Faculdades de Medicina que estudavam a população tropical, suas doenças e como controlar seus efeitos sobre a sociedade que inegavelmente estava permeada pelo discurso de cruzamento do racial. - Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

diferentes entre os demais filhos do norte e do sul da União”³ Os homens de letras dissecam o homem do sertão, procurando na natureza razões para sua particularidade e, ao mesmo tempo, chamam atenção para o fato de que o cearense não havia sucumbido ao meio, mas buscado a “defesa de uma nação civilizada, nova, moderna, racional, evolutiva e progressista. A distinção dos cearenses estaria dada assim pela sua mobilização de luta contra o meio.” (OLIVEIRA, 2012). Dentre os intelectuais que se dedicaram a essa discussão, Ildefonso Albano se destacou por sua atuação em diferentes âmbitos do poder ora como literato, ora ocupando cargos políticos. Mas quem era Ildefonso Albano? De onde vinha esse desejo de promover uma imagem tão característica do sertanejo? Que relações havia entre o intelectual e esse povo?

Ildefonso Albano nasceu em Fortaleza a 12 de fevereiro de 1885, intelectual engajado e preocupado com o desenvolvimento do Ceará, estudou no Seminário da prainha em Fortaleza, e cursou o ensino primário e secundário em escolas na Áustria e Grã-Bretanha. Neto de comerciante, Ildefonso dedicou-se à atividade comercial na firma Albano & Irmão pertencente ao seu avô José Francisco da Silva Albano, o Barão de Aratanha, até ingressar na vida política em 1912 onde ocupou os cargos de intendente de Fortaleza (1912-1914), Deputado Federal por duas legislaturas (1915-1917 e 1918-1920) e presidente do Estado, por ocasião do falecimento de Justiniano de Serpa em 1923. Albano foi também o fundador da Sociedade de Agricultura do Ceará e apesar de sua formação acadêmica ter se dado no exterior, dedicou-se sempre a escrita de obras voltadas para temas em voga na sua terra natal, tendo publicado "O Secular Problema do Nordeste" (discurso político), "A Pecuária no Ceará", "A Cultura do Algodão no Ceará" e "Jeca Tatu e Mané Chique- Chique"⁴.

Enquanto ocupou cargos políticos, Ildefonso Albano ao lado de outras personalidades como Justiniano de Serpa⁵, era um dentre o grupo de intelectuais que ansiavam por inserir o Ceará na ordem moderna tomando para si a missão de conduzir

³ BEZERRA, 1906.p.1 apud OLIVEIRA, 2012, p. 152.

⁴ Em alguns textos mais recentes que tratam da vida de Ildefonso Albano e de suas obras encontramos o termo Xiquexique. Contudo, optei por utilizar a grafia Chique- Chique, corrente a época da publicação do livro de Craveiro, conforme pudemos constatar também em jornais do período.

⁵ Justiniano de Serpa nasceu em Aquiraz a 6 de janeiro de 1852, foi bacharel em direito, professor do Liceu do Ceará, redator de jornais como “Diário do Ceará” e “A Constituição”, presidente do Estado (1920-23), além de ser membro fundador da Academia Cearense de Letras. Serpa faleceu em Fortaleza a 1 de agosto de 1923.

tal processo de modernização. Como intendente de Fortaleza, Albano deu continuidade a uma série de reformas no equipamento urbano da capital cearense iniciadas por, como a reforma do largo do Palácio da Luz, sede do governo estadual, e que posteriormente foi nomeada Praça General Tibúrcio. Ildefonso Albano, mandou reformar o espaço adornando-o com balaústres e estátuas de Leões, o que rendeu a praça a alcunha “Praça dos Leões”, nome popularmente utilizado até hoje. Quando assumiu o posto de prefeito de Fortaleza, durante a gestão de Justiniano de Serpa (1921-23) no governo do estado, Albano foi responsável pela arborização da Avenida Alberto Nepomuceno, nova reforma da praça General Tibúrcio e remodelação do Parque da Independência, além da reestruturação de ruas.

Em meio às transformações urbanas que aconteciam na cidade de Fortaleza com o crescimento populacional, a proliferação de automóveis e o conseqüente aumento dos fluxos urbanos, as reformas empreendidas por Ildefonso Albano foram um marco de expressão do que, naquele momento, se entendia por ser moderno.⁶ Além das modificações na estrutura física da cidade, Albano atuou também como grande incentivador da Reforma da Instrução Pública iniciada em 1922 no Ceará, realizada por intelectuais do campo educacional cearense e dirigida por Lourenço Filho. Essa reforma educacional demonstrava uma preocupação com uma remodelação não somente da cidade em suas estruturas físicas, mas também uma reforma e disciplinarização dos sujeitos que fariam o uso desse novo espaço urbano que se formava. Tratava-se assim, de uma medida que visava a formação cidadã e política dos indivíduos necessária ao exercício dos deveres daqueles para com o regime republicano que se erigia.

Foi enquanto assumia posições de destaque no cenário político local que Ildefonso Albano pôde expressar de modo mais contundente suas ideias a respeito da gente e da vida no Ceará, revelando simultaneamente uma preocupação com o desenvolvimento nacional, o que fazia utilizando sua influência política e sua posição de prestígio. Essa inclinação comum sobre os rumos da nação e com o progresso expressava e fazia emergir também “uma identidade intelectual que se definia pela

⁶ Sobre essa temática recomendamos o trabalho clássico de Sebastião Rogerio Ponte intitulado *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)* onde o historiador apresenta análise como se deu o processo de remodelação urbana e disciplinarização social vivenciado pelos fortalezenses em fins do século XIX e início do século XX.

tentativa de construir, como se fossem termos intercambiáveis, a nação, o povo e o moderno” (LAHUERTA, 1997).

Essa “missão” assumida pelos intelectuais é possível de ser compreendida nesse contexto ao analisarmos como a própria figura do intelectual é definida enquanto tal. Jean François Sirinelli (2002) ao pensar o papel dos intelectuais na história política desenvolveu uma profícua discussão sobre quem seriam esses sujeitos. Segundo o autor, a questão em torno de uma elucidação sobre o conceito de intelectual é na verdade bastante complexa, uma vez que sua resposta gira menos em torno de uma definição externa e mais em uma resposta endógena, isto é formulada pelos próprios intelectuais. Apesar de pensar a sociedade francesa no século XX e, mesmo, com as dificuldades de se elaborar um conceito mais fechado para definir o que é ser um intelectual, Sirinelli estabelece certos critérios que apontam algumas balizas para entendermos tal conceito.

Sua definição, embora variável, apresenta duas acepções para considerar o intelectual: a primeira, mais vasta, engloba os mediadores e criadores culturais e a segunda, um pouco mais estreita, fundamenta-se na noção de engajamento. Nesse sentido, tomando como base a primeira acepção, jornalistas, escritores e professores poderiam ser considerados intelectuais, posto que estes, tanto produzem cultura, quanto podem ser responsáveis por sua difusão e mediação. No segundo caso, no que se refere ao engajamento, observa-se a ação desses indivíduos na vida social, o que enfatiza a relação da história intelectual vinculada a uma história política, onde seria impossível pensar a cultura sem o poder que o político exerce sobre ela. Contudo, Sirinelli também afirma que, essa cisão metodológica na busca por uma definição do intelectual, trata-se de um falso problema para o historiador, já que ambas são balizas de natureza sociocultural. Desse modo, compreende-se os percalços para se exprimir quem pertence a essa elite cultural, já que é complicado se pensar em uma diferenciação entre o que é cultura popular e cultura das elites, querela que segundo o autor já foi superada.

Tomando como ponto de partida essa definição do intelectual, o discurso de Ildefonso Albano é bastante característico dos intelectuais no Brasil naquele momento. Como resultado de uma descrença nas mudanças que a República não trouxe de imediato, muitos dos “homens de letras” se dedicavam a pensar o tema nacional (ainda que essa discussão já se tenha iniciado no século XIX). Havia um acirrado debate em torno do que era ser moderno e, as vésperas do centenário da Independência, o desejo de

apresentar resultados mais significativos quanto a uma suposta “evolução” da sociedade, ficava ainda mais forte. Esse anseio por ser moderno era o primeiro sinal de que, de fato, ainda não o éramos.

Um discurso de combate por uma problemática secular

Em 15 de outubro de 1917, enquanto ocupava o cargo de Deputado Federal, Ildefonso Albano proferiu um discurso intitulado *O Secular Problema do Nordeste* publicado sob o formato de folheto subvencionado pelo governo do Ceará e posteriormente publicado também pela Imprensa Nacional do Rio de Janeiro. O objetivo de Ildefonso em seu discurso era apresentar ao restante do Brasil, e em especial aos “homens de responsabilidade do país” a realidade de miséria e pobreza do sertanejo cearense, pois o descaso para com essa região seria fruto do desconhecimento da calamidade enfrentada anualmente pelos sertanejos nos períodos de seca.

A justificativa apresentada para a elaboração de tal discurso decorre das conversas realizadas dentro da Câmara Federal uma vez que, segundo Albano, seus colegas não possuíam a dimensão do que o problema da estiagem causava para os Estados por ele atingidos. Porém, mais do que um discurso de conscientização para os “desinformados”, a fala de Ildefonso Albano possuía outros interesses políticos. Como nos aponta Kênia Rios (2014) *O Secular Problema da Seca* era uma estratégia para conseguir maiores verbas do governo Federal para o Estado do Ceará, o que o deputado fazia apresentando o quadro de miséria em que a multidão de famintos viviam.⁷

⁷ É interessante que, apesar dos prejuízos incontestes causados pela seca de 1915, em 1917 quando do pronunciamento de Ildefonso Albano na Câmara Federal, havia no Ceará urgência de socorro as populações sertanejas, mas não em virtude das secas e sim, das cheias.: O copioso inverno que, este ano, caiu sobre todo o nordeste brasileiro, causando danos avultados, determinou, em diversos pontos do Ceará, uma calamidade outra espécie, a das inundações, que mais intensamente se fizeram sentir na zona percorrida pelo Jaguaribe, cujas águas transbordantes se espalharam até grandes distâncias, submergindo casas, lavouras e criações. (Relatório Presidencial de João Tomé de Saboya, 1917.p.9.). Contudo, o discurso que classificava o Ceará como terra seca, escassa de chuvas era tão forte que era difícil de se propagar o contrário, especialmente porque desse discurso de penúria provinha a verba do Governo Federal. Para as secas e cheia eram apontadas nos relatórios presidenciais a mesma solução: a construção de reservatórios que pudessem acumular toda a água proveniente dos invernos, sobretudo os mais intensos, para uso nos períodos de estiagem.

Publicado em modelo de relatório, constava no discurso de Ildefonso Albano, itens relativos à geografia física do Ceará, aos campos de concentração⁸, à fome e à miséria resultante da seca. Há ainda, relatos de sertanejos que enfrentaram o período de estiagem, dados econômicos sobre o plantio de cereais, a listagem das obras de açudagem existentes e em construção até aquele momento, além de uma parte dedicada aos emigrantes tendo, inclusive, em destaque a opinião de Euclides da Cunha a respeito da retirada dos cearenses idos para a Amazônia. Ildefonso Albano desejava fazer uma denúncia da situação de abandono em que se encontrava o Nordeste do Brasil, ressaltando a problemática das secas não como percalço regional, mas nacional. Era preciso se projetar medidas capazes de desenvolver o Nordeste pelo próprio nordestino e não que estimulassem a retirada de milhares de sertanejos do Nordeste para o Sul do Brasil, conforme sugeria um colunista do Jornal do Comercio em 17 de março de 1916, citado por Ildefonso Albano:

Suspendamos, pois, esta lucta inglória, inútil, louca com que nossos mirrados braços pretender armazenar nos sertões do Ceará agua suficiente para desalterar o sol tropical e deixar ainda sobras para a boca do homem. Não interremos mais um vintém nesse deserto americano quase tão branco, como as areias do Sahara, pelas alvas ossadas que já o cobrem. Si das priveiras(?) vezes que o terrível flagelo da seca açoitou AS NOSSAS PROVINCIAS do Norte tínhamos o direito de nos queixar da natureza, agora já não o temos (...) Persistir em conservar ali uma população é um crime idêntico ao que commetteria na Suissa reedificando uma aldeia em logar provavelmente escolhido pelas avalanches para suas correrias. Feliz o paiz em que os males que aflige os homens do norte oferece remédio a própria terra do sul.

S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro lutam com a falta de braços e com a carestia do trabalho rural para a exploração de suas riquezas. Para fornecer os braços de que necessita o Sul, não é de certo suficiente a região assolada do norte, justificadas estão as despesas feitas e que se farão para instalar o colono europeus nas nossas terras. Mas esse contingente dos homens que nos pode vir do Ceará, aliviando aquelle Estado de uma população que ele não consegue nutrir, não deve ser desprezado como boa imigração que será para os Estados do Sul (...).

Há pois uma solução para os problemas das secas do norte que em um só golpe cura dous males e, entretanto, os políticos brasileiros passam ao lado dela para ir buscar em complicadas e custosas obras de engenharia o remédio que umas simples viagens paquetes Llod forneceriam.

Que venham os flagelados do Ceará para S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro, como vae de sua causa para a de um parente o enfermo que não tem recursos e necessita mudar de ares. (p. 73 e).

Ildefonso Albano reconhece não ser minoria a opinião do colunista anônimo citado, mas uma dentre as tantas outras de indivíduos que pensavam da mesma forma, classificando-os como “brasileiros para os quaes o Brasil se resume na capital do paiz,

⁸ Sobre essa questão, ver: RIOS, Kênia Sousa. Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro”, “patrícios” cujo “horizonte visual só chega até a Europa” (ALBANO, 1918.p. 74). O Secular Problema do Nordeste é ainda, discurso pronunciado não apenas por Ildefonso enquanto político, mas como cidadão brasileiro e nordestino, como sujeito indignado. É esse discurso da seca e de seus horrores que irá reforçar a imagem de uma região abandonada pelos poderes públicos a exemplo do que relatou Ildefonso Albano: “Este discurso faz da seca a principal arma para colocar em âmbito nacional o que se chama de interesses dos Estados do Norte, compondo a imagem de uma área miserável e pedinte” (ALBUQUERQUE, 2011.p.72). Em meio a tantas mazelas, porém, permanece para Albano o sertanejo como indivíduo incorruptível, generoso e valente.

2- Os Manos Jeca e Mané

O sentimento de tristeza de Ildefonso Albano diante da situação em que se encontrava o Ceará, desterrado pela seca de 1915, e ao mesmo tempo da indiferença de muitos que julgavam necessário o despovoamento do Estado, veio se juntar a revolta do intelectual frente a publicação, em 1918, do livro *Urupês* de Monteiro Lobato. Não por acaso em 1919, ano em que mais uma grande seca assolava o sertão do Ceará, seria também o ano em que Ildefonso Albano apresentaria ao Jeca, o seu irmão, Mané Chique- Chique⁹. Em desacordo com a obra e as ideias de Lobato, Albano mais uma vez incorporava o posto de defensor do Ceará, agora não mais solicitando recursos do Governo Federal, mas protegendo a honra do homem do sertão, que fazia da seca que assolava a terra em que vivia, a sua força.

A crítica tecida por Monteiro Lobato sobre a construção de uma imagem idealizada do sertanejo recaiu, especialmente, sobre o indianismo que instituiu a visão do nativo como homem de coração nobre, dotado de virtudes. O romance indianista de José de Alencar teria originado o “caboclisto”, sendo modificado apenas a figura de exaltação, do índio para o caboclo. Permanecia, contudo, o “substrato psíquico” e o perfil do homem corajoso, independente e viril. Essa idealização se, por um lado, permitia a exaltação do homem brasileiro, por outro escondia os verdadeiros problemas sociais do país: “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!” (LOBATO, 2012.p.13).

⁹ A expressão “os manos Jeca e Mané” foi utilizada por Ildefonso Albano na apresentação da terceira edição de *Jeca tatu e Mané Chique-Chique*, publicado em 1969 pela Secretaria de Cultura do Ceará.

Em tom bem distinto, José de Alencar também é citado por Ildefonso Albano, a quem este autor dedica a sua obra *Jeca Tatu e Mané Chique- Chique*.¹⁰ Segundo Ildefonso Albano, a imagem do sertanejo do Paraíba do Sul (região onde Monteiro Lobato havia nascido), inerte em sua rotina e que não reage diante das mudanças e acontecimentos do país não servia para o sertanejo do Nordeste. Este possuía naturalmente uma série de qualidades encontradas apenas no sertão nordestino e, para explicá-las, no início de cada capítulo Ildefonso Albano faz uma alusão a obra de Lobato com expressões como, enquanto o Jeca “está de cócoras”, “vegeta”, “modorra” ou “vive qual lesma”; Mané Chique- Chique está sempre ativo. Para tanto, Albano descreve as atividades que em seu entendimento caracterizam a peculiaridade admirável do sertanejo não apenas nordestino, mas cearense. Dividindo Mané Chique- Chique em várias facetas, o autor vai construindo uma visão idealizada do cotidiano do personagem ao mesmo tempo em que nos permite conhecer também a vida no sertão, retratado pelo intelectual enquanto espaço privilegiado.

O modelo de sertanejo descrito por Ildefonso Albano em Mané Chique- Chique é justamente o exemplo de homem que não se curva diante das dificuldades e que não cede às pressões de brasileiros com a mente estreita. Ildefonso Albano quer caracterizar o sertanejo como homem não da teoria, mas da prática. Mané lavrador conhece a terra e tira dela o alimento, a riqueza e seu sustento. Conhece bem o seu ofício, sabe como escolher um terreno adequado e o que deve fazer para obter sucesso na colheita, “fala pouco mais age muito” (ALBANO, 1969.p.51). Bem diferente da suposta vida inerte descrita por Lobato, Mané vaqueiro montado em seu cavalo leva a vida agitada do campo, possuindo na pecuária a sua principal alegria. Vale ressaltar que não é objetivo nesta pesquisa descobrir quem dos dois intelectuais melhor retratou o sertanejo brasileiro, mas sim entender como os discursos de Ildefonso Albano e Monteiro Lobato coexistiam forjando imagens e produzindo identidades no tecido social.

A chegada tardia ou mesmo a não chegada dos recursos tecnológicos para o sertanejo também não seria um problema na visão de Ildefonso Albano, isso não era uma necessidade do homem do interior que sendo um sujeito da prática e faltando-lhe o conhecimento científico, no escuro da noite tem por “baliza as estrelas”. Essa ausência

¹⁰ Apesar de também dedicar sua obra à Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo e Antônio Sales, a dedicatória à José de Alencar aparece em página separada com visível destaque: “A gloriosa memória de José de Alencar, através de cujo romance IRACEMA, suspira e canta a jandaia”.

de contato com a modernização ou um contato menos intenso, caracterizava o sertão como espaço primordial da nacionalidade por ainda não ter se corrompido com outras culturas, e o sertanejo como sujeito genuinamente brasileiro (ALBUQUERQUE, 2011). Outra característica valorizada para Albano era a honestidade que em Mané não precisa ser aprendida e nem ensinada, pois é inata do sertanejo, sujeito que não deseja qualquer bem que não pertença a ele próprio (ALBANO, 1969). Ao mesmo tempo em que levaria uma vida tranquila, o vaqueiro Mané seria também uma figura exótica que com sua roupa de coró, acredita que a melhor coisa que Deus deixou para ele foi cuidar do gado, o que faz dele também um homem religioso.

Longe de ser homem que desconhece o sentimento de Pátria, como afirmou Lobato em *Urupês* e “acima de qualquer coisa”, Mané Chique- Chique, o sertanejo nordestino, era homem preocupado com as causas de sua Nação, tomando a frente das lutas mais importantes da história do Brasil:

Reza a História que, cinco anos do grito do Ipiranga, já se ouviu um grito de Liberdade, que percorrendo os sertões do Nordeste, ecoara nas quebradas do Araripe.

Quatro anos antes do 13 de Maio, já estavam partidos os grilhões e fechadas as senzalas em vastas zonas do Nordeste: não mais se davam as cenas de selvageria, nem mais se ouviram as lamentações e gemidos dos infelizes escravos.

Antes do 15 de Novembro, 65 anos já existira em territórios brasileiros a Confederação do Equador (...)

Quem deu o exemplo a Pedro I? Quem precedeu a Isabel, a Redentora?
Quem se adiantou a Deodoro?

Foi Mané Chique- Chique! (ALBANO, 1962.40-41).

Ildefonso Albano pretendia assim combater a ideia de que, em virtude da miséria e do sofrimento causados pela seca, o homem do nordeste seria inerte diante das transformações políticas, sociais e econômicas do país. Como percebemos no escrito acima, o sertanejo nordestino havia em diversos momentos da história nacional, atentado antes de qualquer outra região brasileira para os problemas nacionais, como a luta pela autonomia do Brasil e posteriormente por um governo republicano. Além de perceber com antecedência os prejuízos que a mão de obra escrava trazia para o país a nível econômico e o que significava do ponto de vista social. Rememorar os momentos históricos considerados decisivos para a nação brasileira era uma forma de legitimar o presente por meio do passado. Ao trazer de volta todos esses episódios, Ildefonso Albano trazia também a memória de um passado glorioso investido de sujeitos que por meio de ações de bravura modificaram o fluxo da história nacional.

O meio físico, visto como condicionante para o caráter do sertanejo acabou por permitir o engendramento do perfil do homem do nordeste construído na luta contra o meio em uma rotina árdua que fez do trabalho e do sofrimento um predicado moral. Desse modo, como a maioria dos intelectuais de seu tempo, Ildefonso Albano não negava a existência da condição sofrida do nordestino, mas se utilizava desse estado como trunfo na defesa de que “apesar de tudo” esta era a grande qualidade do sertanejo do Nordeste: a sua habilidade de conviver com tal situação.

Em uma época em que literatura e jornalismo estavam profundamente ligadas, as críticas não foram externadas somente por meio de livros, mas também por meio de jornais, ora de intelectuais que defendiam o posicionamento de Lobato, ora daqueles que discordavam do perfil criado pelo escritor para explicar a essência do sertanejo brasileiro. Em agosto de 1920 Francisco Coelho de Paula na coluna *Carta Aberta* do Jornal *A Lucta* de Sobral, expôs os problemas econômicos do Ceará em virtude da seca ocorrida no ano anterior, utilizando o livro *Urupês* para questionar o desenvolvimento do Estado Brasileiro e afirmando que o rosto do país estava “fielmente retratado” no livro. Como resultado, não faltaram críticas ao posicionamento do autor da carta:

Outra coisa, meu amigo, que me causou espanto foi o dizeres que o retrato do Brazil estava fielmente impresso no livro *Urupês* de Monteiro Lobato. Antes de tudo, digo-te que é um absurdo e dos maiores que tenho visto em minha vida! (...) Repare que elle no seu tão conhecido livro não discreve sinão os typos cachaceiros e preguiçosos, que vivem matando moscas, sentados indolentemente ao lado de um açougue ou na extremidade de um balcão, a beira de calçado jogando o “firo” ou debaixo de uma “empanada”, “divertindo-se com o luã pagando de 1 ou 2 vintens...Desses mesmos ainda escolheu aquelle grande escriptor nacional os piores specimens – o caboclo de olhos mais ranhentos para depois achar que são homens inacessíveis ao progresso (!!!)¹¹

A citação acima é o pequeno trecho de um texto dirigido a Francisco Coelho de Paula publicado no mês seguinte, isto é, em novembro do mesmo ano. O título da provocação era “Cartas a Mané Chique- Chique” em alusão ao escrito do mês anterior intitulado *Carta Aberta* é também uma clara menção ao personagem de Ildefonso Albano. O autor do texto, embora não identificado, institui como argumento de destaque o fato de Lobato ter escolhido o pior “specimen” para representar o caboclo brasileiro. Percebemos, assim, que mais uma vez o Mané Chique- Chique era utilizado para

¹¹ Trecho da notícia intitulada “Cartas a Mané Xique- xique, publicada em 3 de novembro de 1920 em Sobral no jornal *A Lucta*.

afirmar o que o sertanejo cearense era, mas especialmente o que não era: indolente e inadaptável ao progresso.

O personagem de Ildefonso Albano mais do que o bom sertanejo é a construção do cearense idealizado e do cidadão perfeito que a República Brasileira necessitava. Mané Chique- Chique, apesar do instinto justiceiro, respeitava as leis, apreciava os homens públicos do Estado ao ponto de decorar os discursos parlamentares ao mesmo tempo em que conhecia os “vultos salientes” sabendo criticá-los com clareza de opinião. Mané Chique- Chique é assim um brasileiro lutador que resistindo à seca aniquilou a “raça de jeca- Tatus”, mantendo ao longo do tempo o trabalho e a honra do sertanejo nordestino. Este, todavia, sofria com a indiferença do governo, que pagando-lhe com o descaso os sofridos anos de trabalho, só se lembrava dele para o recrutamento e para cobrar suas dívidas. Sua autenticidade tornou constante a sua coragem, conservando sempre a mesma bravura em qualquer circunstância, fatores que permitem o progresso das cidades modernas, como era o caso de Fortaleza¹², sustentadas pelo trabalho do sertanejo desconhecido:

É esta a rocha viva da nacionalidade!

Esta capital moderna e saneada, cortada de belas avenidas, com vastos edifícios e luxuosos palácios, o nosso glorioso exército e a nossa poderosa marinha, esses magníficos portos, essas estradas de ferro, que percorrem os nossos sertões, esse intenso movimento comercial, os nossos produtos de exportação, tudo enfim, que está sob o auri-verde pendão da Pátria, tudo é produto do trabalho de Mané Chique- Chique, formiga modesta e tenaz, motor anônimo da colossal máquina, sustentáculo obscuro da Nação, desconhecido, desprezado, vilipendiado. Sêria este o herói capaz de vencer a Natureza, se ela fora vencível. (ALBANO, 1969.p.90-91).

“Educado na áspera escola do sofrimento” como assinalou Ildefonso Albano, o sertanejo do Nordeste brasileiro, apesar de suas qualidades inatas não possuía limites em seus horizontes, necessitava, porém, ser bem tratado e não mais esquecido pelo governo. O discurso construído por Albano durante toda a escrita de seu livro aqui em questão é aquele que defende a educação do sertanejo como forma de potencializar suas habilidades naturais, ressaltar o que lhe já é inato, tirando-lhe a barbaridade típica do sertão, resultada da convivência com a seca: “saiba tratá-lo e ele se deixará conduzir

¹² A época de sua escrita, Ildefonso Albano era Deputado pelo Estado do Ceará, tendo posteriormente, em 1923, assumido a presidência desse Estado em virtude da morte de Justiniano de Serpa. Em sua Gestão, Albano ficou conhecido pelas reformas urbanas realizadas na cidade de Fortaleza, especialmente em sua parte central, como o traçado desenhado para as ruas e o alargamento das avenidas ao molde francês.

como um cordeiro; não o leve com jeito, êle se tornará espinhento. Forneça-lhe instrução, dê-lhe educação, desaparecerá a rudeza” (ALBANO, 1969.p. 42)

Considerações finais

A preocupação com a formação do cidadão ideal para a República, entendido na perspectiva de missão por parte dos intelectuais, se configurou também a partir de uma busca pelo que era ser brasileiro. Ildefonso Albano é exemplo de uma geração¹³ herdeira do modo euclidiano de abordar a formação étnica e psíquica em virtude da dureza do meio, neste caso o sertão, como lugar da barbárie. Ao mesmo tempo, sua escrita aponta como elemento civilizador a educação como forma de progredir socialmente¹⁴, propõe ao mesmo tempo, uma estereotipização, pois, os sujeitos descritos não dizem de si, mas são ditos por outros, criando discursos sobre o Nordeste e o nordestino e instituindo para eles uma realidade. Nesse sentido, seja pela atuação de Ildefonso Albano na luta pela solução da problemática da seca, na causa educacional e mesmo em sua atuação enquanto literato como vimos em Mané Chique- Chique, o intelectual conseguia aliar seu poder de influência cultural ao político.

Fontes

ALBANO, Ildefonso. **Jeca Tatu e Mané Xiquexique**. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 1969.

ALBANO, Ildefonso. **O Secular Problema da Seca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918

¹³ É preciso lembrar, contudo, que se entende aqui geração, não como um conceito engessado concernente a uma periodização determinada, mas levando-se em conta também o fator cultural, isto é “o sentimento de pertencer- ou ter pertencido a uma faixa etária com uma forte identidade referencial” (SIRINELLI, 2006, p. 133). Para Ângela de Castro Gomes, os acontecimentos fundadores que aproximam determinados sujeitos são um dos elementos que nos permitem compreender o conceito de geração, mas não são os únicos. O entendimento do que tomamos por geração deve pautar-se também em uma memória coletiva a qual os sujeitos compartilham e, portanto, se identificam. Segundo Ângela de Castro: “Falar de gerações é falar não só de relações entre pares, como de relações de filiação e negação entre experiências geracionais. Ambas as coordenadas- sincrônica e diacrônica- constituem a noção e permitem a tomada de consciência de uma temporalidade própria. (GOMES, 1996,p.41)

¹⁴ Isso porque, nesse momento, aqueles que se dedicavam aos movimentos reformistas e debates educacionais não eram necessariamente educadores de formação, mas intelectuais de cultura bacharelesca que compreendiam a educação como meio de organizar a sociedade. Assim, buscou-se observar a ação desses indivíduos na vida social enfatizando a relação da história intelectual com uma história política, onde seria impossível pensar a cultura sem o poder que o político exerce sobre ela (SIRINELLI, 2002).

Jornal A Lucta; (Sobral) (**Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional**)

Revista da Academia Cearense de letras – Acervo: Academia Cearense de Letras-
Ano: 1962 (Digitalizado)

Revista do Instituto do Ceará- Acervo: Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e
Antropológico- Ano: 1985 (Digitalizado)

Relatório Presidencial do Ceará- 1917. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/cear%C3%A1>

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALBANO,%20Ildefonso.pdf>

Bibliografia

Nova História do Ceará

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2011.

AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Ângela de. **História e historiadores**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

OLIVEIRA, Amir Leal de. **Uma pátria chamada Ceará: História, civismo e republicanismo**. In: História da Educação: república, escola e religião. CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho & QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. (Org.). Fortaleza: Edições UFC, 2012.

PONTE, Sebastião Rogério. **A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle**. In: Uma nova história do Ceará. SOUSA, Simone de. (Org.). 4.ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011
Livro do Ildefonso Albano

SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro, FGV, 2006, p.131-137.

_____. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 2002.